

CORDEL COM DENDÊ NA EJA: ANÁLISE DAS POSTURAS RACISTAS E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

SERGIO RICARDO SANTOS DA SILVA*

Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED)

<https://orcid.org/0000-0001-6456-2764>

RESUMO

Este trabalho busca compreender como jovens e adultos conseguem afirmar nas composições textuais do Cordel os aspectos do seu viver cotidiano, legado dos seus patrimônios civilizatórios e reflexões acerca das relações étnico-raciais e os impactos do racismo nas existências da população negra. Analisa a importância da Literatura de Cordel como linguagem arte-educativa no processo de ensino-aprendizagem e como canal importante nas elaborações do conhecimento voltado para a valorização dos saberes que dela se desdobram, nos remetendo ao mundo simbólico do jogo poético-narrativo. Foram desenvolvidas oficinas artísticas de criação da Literatura de Cordel e rodas de conversas com sujeitos da EJA das territorialidades Sussuarana Velha e Novo Horizonte que, de acordo com a divisão territorial da *Razão de Estado*, se configura como a “Grande Sussuarana”, bairro do município de Salvador, Bahia. Os sujeitos da EJA envolvidos nessas interações didáticas faziam parte da Escola Municipal Maria José Fonseca e da Escola Municipal Eraldo Tinoco, com idade entre 15 e 65 anos, sendo a maioria, adultos de 50 anos. Como resultado, reconheço que os “Palcos de Vivências” (que são as oficinas literárias) constituíram um espaço privilegiado de expressão criativa da linguagem do Cordel, de reflexões acerca da Diáspora Africana e compreensão dos impactos do racismo estrutural nas concepções do povo negro no Brasil.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Arte-educação; Racismo; EJA.

ABSTRACT

CORDEL WITH DENDÊ AT EJA: ANALYSIS OF RACIST POSTURES AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE

This work seeks to understand how young people and adults are able to affirm in Cordel’s textual compositions aspects of their daily lives, the legacy of their civilizational heritage and reflections on ethnic-racial relations and the impacts of racism on the lives of the black population. It analyzes the importance of

* Doutor e Mestre em Educação e Contemporaneidade, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Psicopedagogo; Pedagogo; músico; Cordelista; Professor do ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Salvador. Pesquisador do Programa Descolonização e Educação PRODESE/UNEB CNPQ e do TSPPP - Grupo de Pesquisa em Teoria Social e Projeto Político-pedagógico/UNEB. Colaborador Coletivo Cultural Sarau da Onça e Ong Bumbá Escola de Formação Artística. E-mail: sergiobahialista@hotmail.com

Cordel Literature as an art-educational language in the teaching-learning process and as an important channel in the elaboration of knowledge aimed at valuing the knowledge that unfolds from it, taking us to the symbolic world of the poetic-narrative game. Artistic workshops were developed to create Cordel Literature and conversation circles with EJA subjects from the Sussuarana Velha and Novo Horizonte territorialities which, according to the territorial division of the Reason of State, is configured as the “Grande Sussuarana”, a neighborhood in the municipality from Salvador, Bahia. The EJA subjects involved in these didactic interactions were part of the Maria José Fonseca Municipal School and the Eraldo Tinoco Municipal School, aged between 15 and 65 years old, with the majority being adults aged 50. As a result, I recognize that the “Palcos de Vivências” (which are literary workshops) constituted a privileged space for the creative expression of Cordel’s language, reflections on the African Diaspora and understanding the impacts of structural racism on the conceptions of black people in Brazil .

Keywords: Cordel Literature; Art education; Racism; EJA.

RESUMEN

CORDEL CON DENDÊ EN EJA: ANÁLISIS DE POSTURAS RACISTAS Y CULTURA AFROBRASILEÑA

Este trabajo busca comprender cómo jóvenes y adultos son capaces de afirmar en las composiciones textuales de Cordel aspectos de su vida cotidiana, el legado de su herencia civilizatoria y reflexiones sobre las relaciones étnico-raciales y los impactos del racismo en la vida de la población negra. Se analiza la importancia de la Literatura Cordel como lenguaje artístico-educativo en el proceso de enseñanza-aprendizaje y como canal importante en la elaboración de conocimientos encaminado a valorar los saberes que a partir de ella se despliegan, llevándonos al mundo simbólico de lo poético-narrativo. Juego. Se desarrollaron talleres artísticos para crear Literatura Cordel y círculos de conversación con sujetos de la EJA de las territorialidades Sussuarana Velha y Novo Horizonte que, según la división territorial de la Razón de Estado, se configura como la “Grande Sussuarana”, barrio del municipio de Salvador, Bahía. Los sujetos de la EJA involucrados en estas interacciones didácticas formaron parte de la Escuela Municipal María José Fonseca y de la Escuela Municipal Eraldo Tinoco, con edades comprendidas entre 15 y 65 años, siendo la mayoría adultos de 50 años. Como resultado, reconozco que los “Palcos de Vivências” (que son talleres literarios) constituyeron un espacio privilegiado para la expresión creativa del lenguaje de Cordel, la reflexión sobre la diáspora africana y la comprensión de los impactos del racismo estructural en las concepciones de los negros en Brasil.

Palabras clave: Literatura Cordel; Educación artística; Racismo; EJA.

INTRODUÇÃO

Inspirado na dinâmica poética de Inácio da Catingueira, Antônio Vieira, Zé Limeira, Cuíca de Santo Amaro, Bule-Bule, muitos são os “cordéis banhados em dendê” para enriquecer nossas interações pedagógicas e levantar um “novo pilar” no campo da Educação, assim como muitos são os cordéis que ainda reproduzem posturas racistas e de subalternização do negro nas suas entrelinhas. O cordel estimula a “Produção Poética do Ser” dos nossos educandos, na qual eles afirmam com certa ousadia outras formas de pensar também o nosso legado africano-brasileiro e o racismo estrutural que insiste em buscar se perpetuar.

O simples fato de marcar o cordel baiano como “banhado em dendê” já marca o território, anuncia o quanto este vem rico de sinais da cultura baiana – litoral, recôncavo e sertão - configurando-se em nova “forma cordelística”, em relação ao cordel produzido no Nordeste *afora*. A intenção com essa delimitação é afirmar o cordel produzido com características e histórias “apimentadas”, baianas, com Cuíca de Santo Amaro e Antônio Vieira, por exemplo, assim como trazer para conhecimento alguns folhetos de cordel que enalteçam a cultura afro-brasileira e como foram trabalhados na EJA em oficinas desenvolvidas na comunidade de Sussuarana, em Salvador/BA.

Dados estatísticos coletados durante a pesquisa de Marcio Nery de Almeida revelam em números a territorialidade Sussuarana:

No que diz respeito às territorialidades de origem, foi constatado que 68,38% dos 155 (54,77% dos 283 alunos com frequência regular) entrevistados nasceram em municípios do interior da Bahia e de outros Estados, como Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Minas Gerais. Surgiram os nomes de 68 cidades do interior da Bahia e os nomes de outras cinco cidades do interior dos Estados citados. (ALMEIDA, 2007, p. 19-20)

Com uma grande parcela da população migrante de estados nordestinos, Sussuarana, na sua configuração atual, (re) elabora a sertanidade no seu novo *locus* de sentidos, de

vivências. Entendemos que esta (re)elaboração da sertanidade traduz “as in-tensidades das inquietudes das vozes internas (*daimon*), dos espantamentos das paixões que movem (...) e desafiam nas trajetórias do ser-estar-sendo-com no mundo vivido/vivente (ARAUJO, 2008, p. 17). E assim, o seu novo *locus* de sentidos ganha força, pulsão, na forma de viver comunal e descomunal, também, paradoxal, que desemboca nas nossas interações didáticas no processo educativo.

A Escola Municipal Maria José Fonseca, unidade escolar da rede municipal de ensino de Salvador, localizada no Novo Horizonte e a Escola Municipal Eraldo Tinoco, localizada na Sussuarana Nova, são voltadas para atender a primeira etapa do Ensino Fundamental. Essas escolas tem a atuação do Doutor em Educação e Contemporaneidade Marcio Nery de Almeida, o qual desenvolve um trabalho pedagógico pluricultural e de respeito aos princípios inaugurais dos seus alunos e das suas comunidades, as quais sou parceiro nas intervenções artístico-pedagógicas de intercâmbio com os saberes da comunidade.

Márcio Nery sempre desenvolveu interações didáticas que proporcionassem aos seus alunos vivenciar a identidade no espaço escolar. Teve grandes experiências com o ensino regular, com crianças de Sussuarana, e hoje, desenvolve processos educativos voltados para a vivência arte-educativa que contemplem aspectos de valores comuns, com jovens e adultos. Espaços que pulsam vontades, desejos de criar palcos de vivências em âmbito educacional, de valorização da coexistência de saberes.

Um dos aspectos centrais a ser abordado nesta produção é a análise e reação dos educandos da EJA diante de trechos de alguns cordéis que insistem em colocar o negro em uma situação de subalternidade e humilhação.

O CORDEL BANHADO EM DENDÊ

Cuíca de Santo Amaro (1910-1964), cordelista negro, era o grande responsável pelo cordel - denúncia, cheio de uma corporeidade própria de

um artista de rua, em Salvador - BA, pois todos paravam para lhe escutar e faziam releituras de tudo que estava escrito em seus cordéis. Esses, cheios de abordagens polêmicas envolvendo personalidades da política baiana, até pessoas comuns que eram muito conhecidas pelas pessoas da região do centro da cidade, como Piedade, Baixa dos Sapateiros, Pelourinho, etc.

Jotacê Freitas defende que “o primeiro meado do século XX foi decisivo para o crescimento do Cordel no Brasil” (FREITAS, 2011, p. 15). Cuíca, sem dúvida, foi um dos que nesse período, buscou consolidar a Literatura de Cordel nordestina, com seus versos ferinos que lhe renderam muitos cordéis, mas também muitos processos nas costas e muitas amizades desfeitas. Cuíca, “um baiano que, ao contrário do nome, nasceu em Salvador” (FREITAS, 2011, p. 15), “trançou” seus versos a partir da realidade baiana, dos escândalos sociais e políticos da época, confrontando diversas versões de acontecimentos que insurgiam pela São Salvador. Ele, Rodolfo Coelho Cavalcante e mais adiante o mestre Bule-Bule talvez sejam os pioneiros do cordel baiano, que aqui chamo de “cordel banhado em dendê”.

Para Farias (2006), a força da *codificação oral* da cultura dos diversos povos que compõem as redes de aliança do Brasil, desperta um processo educativo rico:

O exercício da codificação oral de princípios culturais, estabelecido através das histórias dessas sociedades, se constitui em um princípio educativo primeiro, gerando, assim, um arcabouço acumulado de saberes norteadores das ações dessas sociedades (FARIAS, 2006, p. 36).

A Literatura de Cordel, plural e singular, desenvolve novas formas de se apresentar a partir da sua relação com o meio, com os elementos que constituem *comunalidades*, redes de aliança que entrelaçam elementos constituintes do atual. Essa torna-se um princípio educativo primeiro, como nos diz Farias, nas nossas dinâmicas interativas, nos processos educativos que contemplem o universo sertânico, do legado africano e afro-brasileiro, assim

como o legado dos aborígenes que compõem as Américas.

Compreender os espaços de expansão das existências advindas da Diáspora Africana que existem em Salvador/BA, perceber seus aspectos históricos na Literatura de Cordel é um exercício importante e mais que necessário para inaugurar novas literaturas que ocupem o espaço de afirmação das identidades africanas e afro-brasileiras que compõe o ser e estar no mundo. E se tratando dos sujeitos da EJA, isso ganha um peso maior por se tratar de pessoas historicamente excluídas de diversos processos da sociedade por serem negras e negros.

Mãe Senhora, sacerdotisa que assumiu a liderança do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá – que fica localizado na territorialidade de São Gonçalo de Retiro, antigo Quilombo do Cabula, em Salvador/BA - após a Mãe Aninha, por volta da década de 1940 para delimitar os saberes construídos dentro da sua comunidade e como estes interagem, coexistiam com os saberes advindos da outra elaboração de mundo ocidental que muitas vezes confrontam o legado do *continuum* civilizatório africano nas Américas. Trago essas informações a respeito de Mãe Senhora para contextualizar a respeito de um folheto de cordel que foi criado para trabalhar a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

As estrofes do cordel “Um cantinho da África encantada em Salvador: 100 anos de Ilê Axé Opô Afonjá” (BAHIALISTA, 2010, p. 05-06), como podemos observar logo abaixo, se apresentam como instrumento de afirmação do legado africano-brasileiro em uma perspectiva de educação pluricultural para as novas gerações de educadores, revelando o lado encantador da história e cultura africana, perpetuada pela dinâmica existencial retroalimentada pelas Yalorixás:

Suas sacerdotisas nesses
100 anos de história
Construíram força e beleza
Que ficarão na memória
De quem preza pelo sagrado
Africano, seu legado

De honra e muita glória

Até 1938

Mãe Aninha comandou

Mãe Bada de Oxalá

Tomou após a que passou

Até 41 foi a hora (1941)

Depois a Mãe Senhora

O Reinado carregou

(...) consolidando toda força
Que o ancestral ali construiu
Abrindo “caminhos d’Áfricas”
Encantos míticos e mágicas
Que todo povo negro viu.

Os versos do saudoso Antônio Vieira, no seu cordel “A peleja da Ciência com a Sabedoria Popular”, revelam o real significado da nossa proposta de trabalho sobre história da África e concepções afro-brasileiras das nossas identidades, pois *desde dentro* “a sapiência / Que o povo tem na caixola” marca a *porteira* que estabelece, de acordo com suas aberturas nos momentos certos de entrada e saída, contato com o *desde fora*, que é “a ciência / Que tem por sede a escola”. Neste encontro, “as duas se complementam / se equivalem também”, até porque o mundo é compreendido de diversas formas, texturas e noções que fazem com que “uma sempre ande na frente / Sabendo que a outra vem” (VIEIRA, 2005, p. 01-02), pois “o conceitual duro e rigoroso tende a obliterar-se ante a noção mole e polissêmica” (MAFFESOLI, 2007, p. 64).

Como o próprio cordel de Antônio Vieira diz, é preciso afirmar os saberes advindos *desde dentro* para que não se perca no *desde fora*. A forma de compreender, de traduzir tudo que encontrei durante as oficinas de cordel juntos aos educandos da EJA foi pelo fato desses educandos terem o cordel permeando suas memórias a partir das interações com seus familiares do interior, mesmo sendo apenas de uma forma contemplativa, sem se apropriar das formas de rima e métrica, por conta do esquadramento curricular que não permite mergulhos poéticos.

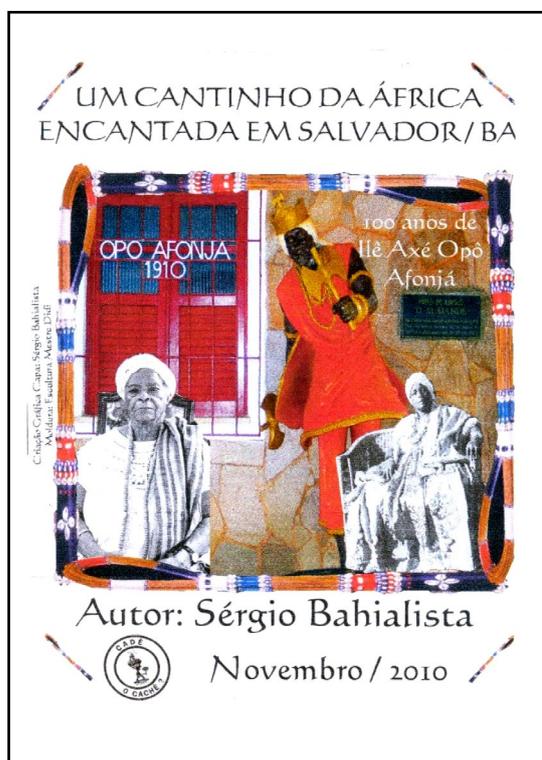
Em algumas interações didático-pedagógicas durante as oficinas desenvolvidas observei/vivenciei o mergulho profundo no mundo mito-

poético da poesia, para que, por meio da mesma revelassem seu universo real/simbólico e interpretasse as noções estabelecidas por este gênero literário sobre o legado africano-brasileiro e algumas posturas racistas que poetas mais tradicionais insistem em estabelecer.

E é nisso que acreditamos, nessa forma de perceber, compreender, *desde dentro para desde fora*. Isto “implica a necessidade de conhecer e encarar esta cultura a partir de seus próprios referenciais, traduzindo-a a partir da ótica que lhe é própria, evitando, assim, equívocos.” (ALMEIDA, 2007, p. 50).

No folheto de cordel citado mais acima, que se configura neste instrumento de afirmação de identidades e que foi elaborado pensando na aplicação da Lei 10.639/03¹, busca entrelaçar a riqueza do saber ancestral que pulsa e vive essa “sociologia do lado de dentro” (MAFFESOLI, 2007, p. 31) do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (Salvador/BA):

Figura 01 – Capa do cordel “Um cantinho da África encantada em Salvador/BA - 100 anos de Ilê Axé Opô Afonjá”



Fonte: Coleção particular

1 Lei que regulamenta o ensino obrigatório da história e cultura africana na educação básica.

Cordel banhado em dendê
Te convida a pendurar
Todo seu imaginário
Sua força e seu encantar
Nesse pedacinho da África
Que começarei a versar

As Religiões tão belas
De Matriz Africana
Sempre nos ensinam a cuidar
Da Natureza tão bacana
O único verde de lá
Está no belo “**Afonjá**”
Nessa Salvador tão insana

Mestre forte é Mestre Didi
Que trouxe nos seus contos
Todo encanto dos orixás.
Para as aulas, mais pontos
Trazendo o mundo mítico
Africano em seus recontos

Oke Arô e aquele **Axé**
Para todo ser vivente
Do **Orum** e do **Aiyê**
Que vive tão plenamente.
Usem esse Cordel no educar
Para assim logo acabar,
Com intolerância indecente. (BAHIALISTA,
2010)

Arriscar-se na viagem “pó-ética” do ser, nessa busca pela palavra sensível que enalteça o mundo africano-brasileiro que rege as redes de alianças das diversas “Áfricas” que aqui existem, nos seus santuários, é uma forma de trazer o legado africano-brasileiro para o contexto educacional, levando as lições e saberes do mundo imaginário, simbólico que sustenta essas elaborações de mundo. É nessa perspectiva que busco, através das linguagens lúdico-estética do cordel trazer nossos educandos para o mundo *encantado* do saber que abraça o “plural brilhar do ser”.

ARTE-EDUCAÇÃO E CORDEL: EDUCAÇÃO PLURICULTURAL

Acredito que, através de uma educação pluricultural que siga a perspectiva de levante de novas elaborações de saberes, fincados na vida,

arte e cultura e suas inter-relações, suas (re) elaborações através de outras linguagens, se enalteça os aspectos da beleza africana e dos povos inaugurais do Brasil que também compuseram as marcas desse país. Que isso seja a meta a ser alcançada, ainda hoje, após 20 anos de aplicação da Lei 10.639/03, me deixa triste e indignado.

O combate ao racismo na educação é necessário, constante e urgente, pois:

À medida que a criança negra e a criança branca aprendem o verdadeiro significado histórico-cultural desses povos (africanos e aborígenes) ela vai deixar de ser uma criança racista, e o objetivo da lei é melhorar as relações interétnicas. Melhorar através de quê? Através do conhecimento e reconhecimento da verdadeira história e cultura desses povos (SILVA, 2005).

Esta contribuição que a professora Doutora Ana Célia da Silva traz acima refere-se sobre uma educação antirracista junto às crianças, mas podemos e devemos contextualizar em interações didáticas junto aos sujeitos da EJA, pois é um grande passo para que esses sujeitos despertem a consciência sobre as estruturas racistas e todas as posturas sociais cruéis que se perpetuam nas existências do povo preto.

Analisar essa questão a partir do contato com outras elaborações lúdico-estéticas das linguagens artísticas e com epístemes construídas por diversos autores que compõem as novas contemporaneidades é afirmar também a importância cultural africana e afro-brasileira na formação dos jovens, adultos e crianças das comunidades que os sujeitos da EJA compõem e (re) existem.

No espaço constituinte de elaborações de mundo, das redes de alianças que se configuram no existir dos nossos sujeitos da EJA é que se “rebenta” o princípio inaugural dos mesmos, entrelaçando um saber que ensine a condição humana (Morin, 2000), que restitua a responsabilidade moral e que teça laços de aprendizados mútuos que configuram saberes comuns.

A busca por novas noções a respeito da elaboração e construção de uma epistemologia

africano-brasileira que inaugure novas formas de pensar, levou-me ao encontro com o livro *Tornar-se Negro*, de Neuza Santos Souza (1983) e com cordéis de autores baianos, os quais buscam imprimir uma forma peculiar de escrever, diferente dos outros estados nordestinos, contemplando na linguagem e estética os aspectos africano-brasileiros que compõe o litoral e o recôncavo. Confesso que o encontro com a obra de Neuza Santos Souza e com cordéis que retratavam aspectos discriminatórios e ilusórios em relação ao mito da democracia racial foi doloroso e impactante, por se tratar de:

(...) um olhar que se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos. (SOUZA, 1983, p. 17)

No processo de análise das questões e a partir de vivências durante a pesquisa, junto com Neuza Santos Souza, *Tornar-se Negro* ganha novas significações a partir de entrelaçamentos com outras formas de afirmação do ser negro, que transbordam de diversas linguagens artísticas, as quais apelam para a expressão “estética-encantada” da Arte. Assim é o cordel, essa voz sertaneja que vem na bagagem cultural dos europeus, mas aqui – principalmente no litoral e recôncavo - ganha sangue novo no entrelaçamento com as contribuições das matrizes africana e indígena.

No Estado Novo, “O português passou a ser estudado nas escolas como uma língua oficial tecida de suas padronizações, utilizada como um dos elementos de criação de uma identidade nacional.” (ROSA, 2008, p. 36).

Esse estudo da língua a partir da sua padronização e palavras normatizadas recalca o espaço lúdico-estético da criação poética, já que a poesia é a própria desconstrução dos sentidos que as palavras ganham e incorporam – ou são nelas incorporadas. A Literatura de Cordel, a Poesia Concreta, os orikis, os provérbios – Òwe²

2 Òwé significa provérbios, em iorubá. Mãe Stella de Oxóssi tem um livro de provérbios, com esse título,

– são formas de comunicar o mundo e outros mundos – da imaginação, do mistério – livres de amarras, de estruturas rígidas que recalcam o prazer da escrita e da leitura.

Muitos são os cordelistas baianos que buscam estruturar uma nova estética no versar da Literatura de Cordel. Antônio Vieira foi um deles. Um santo amarense que criou o “Cordel Remoçado”. Nessa criação poética, ele buscou trazer para o mundo do cordel, a partir das referências identitárias com sua territorialidade, toda a cultura afro-brasileira advinda do recôncavo baiano que compõe essa região e o litoral. Assim como o cordel não é engessado nas taxionomias dos ciclos temáticos, o mesmo não se fecha no universo do sertão, tecendo um fio condutor versificado que costura nosso Brasil plural e diverso.

O CORDEL POUSA NA EJA: (RE) ELABORAÇÕES DE VALORES COMUNAIS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS COM SUAS PERSPECTIVAS DE EDUCAR.

É dentro das dinâmicas de afirmação identitária e de reconhecimento dos princípios inaugurais que os diversos sujeitos da EJA (re) estruturam sua forma de *ser/estar com*. As diversas linguagens artísticas têm um papel importante nessa afirmação por se tratar de expressões nas quais o ser humano revela esse estar aqui com outras nuances, outras texturas que transcendem a dinâmica do cotidiano.

A importância da função social e cultural da arte enquanto mestra, traça de forma empírica o conceito de cultura, cultivo do que foi, para germinar no que virá e, assim, manter viva a tradição e o saber construído no processo natural de ser e estar, de relação com a vida, as pessoas e com significados (re)elaborados, retro-alimentados e processados com o passar do tempo.

que traz todo o significado desses para o *continuum* civilizatório africano nas comunidades terreiro

Cantar, contar histórias, recitar, tocar, sambar, aconselhar, tudo isso é alicerce de saberes que sustentam o viver do ser humano, pois o que seria de nós sem inter-relações, sem o encontro com o outro, com as outras coisas, consigo mesmo?

Muitas regiões do Nordeste já investem, com muito êxito, na potência da riqueza poética do Cordel nas interações didáticas. Temos como exemplo, o belo trabalho realizado pelo estado do Piauí, com a revista de divulgação cultural da Fundação Nordestina do Cordel – FUNCOR – “De repente”, que realiza, junto às escolas, concursos de cordel e divulga na sua revista, enviado pelo Prof. Dr^o Carlos Aldemir Farias, pesquisador da UFRN.

Figura 02 - Capa da revista De repente



Fonte: coleção particular.

Os sujeitos da EJA tecem a sua forma de construir saberes e externar através da arte, cultura, relação com o outro e com a vida do seu entorno, mesmo vivendo injustiças sociais, violências, enrijecimentos que comprometem

o educar e suas “fruições de sensibilidades” (ARAUJO, 2008).

Os símbolos são constituídos por imagens que são bordadas a partir da percepção dos sentidos e da capacidade imaginal dos indivíduos, conjuntamente com a articulação da consciência compreensiva; gravitam entre afecções, a intuição e o pensamento meditativo. (ARAUJO, 2008, p. 108).

E é daí que surge a criatividade, pois para Paulo Freire (1996, p. 35):

Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída.

Paulo Freire analisa a ideologia e poder existente na linguagem e na educação, afirmando que elas são produções sociais, e que (re) inventá-las significa reinventar o mundo. Paulo Freire: presente! Sim! Esta análise e reflexão traz a Literatura de Cordel numa perspectiva arte – educativa libertária, pois ela sempre foi o instrumento de visão social e crítica do povo, tanto na sua função jornalística, como na sua característica fantasiosa, fictícia e surrealista. Aqui se anuncia o desejo, necessidade e vontade de *entrelaçar* esta abordagem teórico-metodológica do Cordel através das identidades dos sujeitos da EJA.

As oficinas de cordel que desenvolvi com metodologias próprias, durante as interações didáticas com sujeitos da EJA das Escolas Municipais Maria José Fonseca e Eraldo Tinoco em 2012 e 2022 respectivamente, ambas dentro da territorialidade de Sussuarana e sua comunidade, em Salvador/BA, foram momentos *mágicos* que transformaram esses espaços de educação institucionalizada em lugares de encantamento.

O corpo pedagógico, estimulado pelo Prof. Dr. Márcio Nery de Almeida – que a época era vice-diretor do ensino noturno da Escola Municipal Maria José Fonseca - se envolveu com afinco, pois percebi que o estímulo constante

é fundamental para promover o encantamento poético no educar. E foi assim que os alunos, professores e outros profissionais da Escola fizeram um cordel-denúncia para enviar à Secult – Secretaria de Educação e Cultura de Salvador-BA - no intuito de contornar a situação lastimável que se encontrava a escola:

To em Sussuarana
A nossa comunidade
É muito bacana
Periferia da cidade
Que tá abandonada
Um bairro de verdade

Aqui tem uma escola
Que merece ser falada
Maria José Fonseca
O nome da comentada
Temos muitos problemas
Coitada da danada

Vou pra casa de minha mãe
Na escola não dá mais
Nada de estrutura
Escola suja demais
A pintura está feia
Usar o banheiro jamais

Situação difícil
É essa que vivemos
Sem água e banheiro
Como estudaremos?
Queremos é cultura
Problemas não queremos.

Estudar num lugar assim
É como andar na corda bamba
Vocação pra Indiana Jones
Aventura a cada semana
O “sindicó” deste prédio
Obedece mais que manda

Meu colégio precisa
É de uma boa reforma
As paredes estão caindo
E perdendo suas formas
E sem boa merenda
Todo mundo vai embora³.

A forma espontânea e humilde é um dos

3 Cordel dos estudantes do ensino fundamental noturno da Escola Municipal Maria José Fonseca.

grandes fatores pelo qual a Literatura de Cordel tem essa grande popularidade. Uma linguagem tão próxima da oralidade nordestina, simples, mas ao mesmo tempo de uma complexa forma poética bem elaborada e cheia de sabedoria. É através das nossas interações pedagógicas arte-educativas que diversas comunidades afirmam a *fecundez* da coexistência entre o cordel e o educar, marcando assim o seu território e formas de existir.

Como sensibilizar uma (um) educadora (or) a respeito da importância do ensino da história e culturas locais, sertânicas, negras, indígenas, poéticas, se elas(es) próprias(os) nunca foram estimuladas a pensar nisso de forma profunda na sua trajetória educacional e pessoal, ou nunca se perguntaram sobre sua condição de ser estruturante e estruturado, seu lugar na cultura e sua condição étnico-racial? Assim, educar com compromisso e integralidade, lealdade ao outro e a si mesmo, perpassa pela condição *sine qua non* de apreensão da realidade:

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho.

O melhor ponto de partida para estas reflexões é a in-conclusão do ser humano de que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal (FREIRE, 1996, p. 76).

Quando Freire diz que o professor precisa se mover com clareza na sua prática, tendo como ponto de partida para estas reflexões a “in-conclusão do ser humano de que se tornou consciente”, traz à tona o lugar do educador na sua plenitude no educar, como se fosse momento único, de constante envolvimento com as interações didáticas que se propõe a realizar. Por isso que insisto no (re)animar a riqueza poética dando novos significados.

Por que o educar é colonizado? Por que o cordel é quase sempre pesquisado de forma estanque, somente como tipologia textual, portador de estruturas linguísticas como seu fim? Acredito que muitos que se debruçam sobre estas inquietações não percebem a real funcionalidade que a arte-educação tem, como potencial criativo que pode impulsionar processos de criação e não só de contemplação.

Encaro tal dinâmica como processo fundamental que constitui o campo fértil do trabalho educativo com as diferenças, promovendo a ética da coexistência, a educação do futuro, pois se a humanidade não (re)pensar o caminho que trilhou e não delinear novos horizontes, o que será da nossa espécie, do mundo, do planeta, se cultivamos o “descaminho em direção ao outro”?

O PASSO A PASSO DO EDUCAR EM CORDEL NA EJA DA SUSSUARANA: OS PALCOS DE VIVÊNCIAS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS

Ao chegar na escola para a realização das oficinas de cordel com os sujeitos da EJA das Escolas Municipais Maria José Fonseca e Eraldo Tinoco, eles de forma muito educada me cumprimentavam e, ao perceber que eu estava com o violão no ombro e a sacola cheia de cordéis, logo falavam: “Etâ, que hoje tem cantoria! Ô coisa boa”! Essa expressão já remete ao universo sertanejo, pois no interior, mesmo que você toque rock no violão, o povo se refere a uma cantoria⁴ – e sabemos que cantoria é um gênero musical característico das pelepas entre repentistas, além de ser o tipo de música que conta causos, histórias, como o cantor Elomar faz.

Comecei as dinâmicas de integração com a rima a partir da música abaixo:

*Quem conto canta
Encanta cordel*

4 Muitas vezes, quando passava São João em cidades interioranas e tocava no violão diversos gêneros musicais, com os amigos, muitos passavam e falavam: - Êta que essa cantoria tá boa demais!

*Quem conto canta
Cordel encanta,*

Neste momento, em roda, os jovens e adultos logo se levantaram e ganharam novos sorrisos, novos sentidos para mais uma noite de estudo, em busca dos seus objetivos após um dia de trabalho cansativo. Durante esses jogos poéticos, que nos preparam para mergulhar no mundo da rima, métrica e oralidade poética, muitos já comentavam:

— Opa! É cordel! Que coisa boa!

— Tão bom lembrar do meu interior...

— Eu gosto daquela história do Cego com Zé Pretinho! (fazendo referência ao cordel “A peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, que lia na infância, junto com seus familiares, no interior)

Durante a realização das oficinas artístico-pedagógica de cordel, fizemos reflexões sobre vários conteúdos e estimulamos a capacidade criativa coletivamente na construção do cordel sobre as suas comunidades e suas (re)elaborações no cotidiano comunal, além de outras questões ligadas ao estágio de abandono e de esquecimento do nosso lugar e os aspectos racistas que perpassam pelos folhetos de cordel discutidos nessas aulas.

Logo após, seguimos os seguintes passos até a conclusão dos livretos:

- » Jogos poéticos a partir da sonoridade dos versos;
- » Feira Nordestina de Cordel – recital de sensibilização e participação coletiva;
- » Exposição sobre conceito e história da Literatura de Cordel;
- » Leitura e reflexão de folhetos de cordel com cunho racista;
- » Aprendendo a rima, métrica e oração do cordel (sextilhas e septilhas);
- » Leitura e produção de estrofes, principalmente em sextilhas;
- » Recital interativo dos educandos;
- » Confecção dos livretos de cordel construídos nas oficinas artístico-pedagógicas.

Antes de definir os temas das oficinas, fizemos um levantamento dos livretos de cor-

del que abordassem os assuntos que seriam discutidos nas oficinas, que eram os assuntos abordados no projeto pedagógico da Escola pesquisada - Cidadania, Afrodescendência e Bahia: Um Estado Plural. Esses assuntos foram discutidos junto aos educandos durante as oficinas, nas quais os cordéis que abordavam os temas, ou indiretamente tocavam no assunto, foram utilizados em leituras dramáticas.

Nesta análise foram listados os diversos temas que podiam ser abordados, como:

- » O negro no cordel e na sociedade;
- » A discriminação ao diferente;
- » Organização Política;
- » Corrupção;
- » Valores comunais;
- » Princípios inaugurais da comunidade;
- » Problemas da escola e da comunidade.

Os livretos de cordel escolhidos para serem trabalhados nessas oficinas, a partir dessas questões, foram:

- » Um conto bem contado;
- » O buraco na pança da Sussuarana: uma denúncia;
- » A mulher que botou o diabo na garrafa;
- » A história de Grampolândia e seu Rei;
- » A Greve da Polícia e o arrastão dos Bandidos;
- » A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho;
- » A Pirigospel que repensou sua fé num pagodão;
- » A mulher de 106 anos que deu um chute na bunda de Lampião

Assim, analisamos qual tema e ciclo temático cada livreto abordava mais especificamente. Daí, junto com os educandos e professoras envolvidas nessas interações didáticas, chegamos à conclusão de que a questão da discriminação racial era uma das mais presentes, principalmente em dois dos livretos de cordel: “A mulher que botou o diabo na garrafa” e “A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”.

O livreto “A mulher que botou o diabo na garrafa”, do cordelista J. Borges, traz a história de um casal que passa por diversas brigas, até

que o marido desconfia de uma traição da sua esposa e tem a ideia de colocar um “diabinho” para vigiá-la. O problema é que o disfarce do “diabinho” é ele se transformar num menino negro:

Ele levou o negrinho
Chegou lá disse a mulher:
Está vendo este negrinho?
Ele é cheio de mister
Ele vai seguir seus passos
Até quando ele quiser (BORGES, 2005, p. 3)

Já na “Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, que foi o registro de um dos mais emocionantes e importantes desafios da história da cantoria, o Cego Aderaldo para ofender Zé Pretinho, começa a resumi-lo a escravo e a dizer que ele não devia ter vindo para a “sala dos brancos”:

Me desculpe Zé Pretinho
Se não cantei a teu gosto
Negro não tem pé, nem gancho;
Tem cara, mas não tem rosto.
Negro na sala dos brancos
Só serve pra dar desgosto (AMARAL, 2002, p. 16)⁵

Os educandos quando viram isso, questionaram de imediato esta posição do autor em colocar um negro como o diabo. Isso provocou um grande debate na oficina, onde se questionou a situação em que se colocou o negro. Todos indignados, não aceitavam esse fato. E assim, a discussão sobre essa questão foi tão rica que um dos jovens, indignado, fala sobre a sua impressão em relação ao cordel em questão:

O que é isso? Ele ta achando o quê? Que o negro nasceu para ser diabo é? E o que é pior, ainda chama de negrinho. Como sempre as pessoas associam ao negro tudo de feio. Porque o diabo não é um branquinho de olho azul? Porque o negro ainda é encarado como inferior. (A.B.M. Jovem da comunidade e da Escola Municipal Maria José Fonseca)

Aqui já se inicia uma reflexão sobre a questão racial e de como a história dos negros, tanto de sofrimento como de conquistas, ainda é

5 Ver referência no cordelário após as conclusões.

retratada nos dias atuais. O posicionamento do jovem a partir dos versos dos cordéis revela o alcance dessa literatura na formação do seu pensamento crítico. Refletir teoricamente com os alunos os estereótipos que o cordel também apresenta em relação à alteridade étnico/racial – como vimos no cordel acima estudado, entre outras, como foi feito nas oficinas durante os “Palcos de Vivências”, já é uma intervenção na forma de colonizar pelo recalque das diferenças, que impede a construção da coexistência.

O Professor Henrique Cunha Junior (2010) nos traz uma profunda reflexão que complementa nosso tecer, nossa abordagem e reflexão, fazendo com que - como versa o dito popular – *“engrosse o caldo”*. O mesmo diz sobre a classe privilegiada que nega a existência de racismo:

No Brasil muitas pessoas negam a existência de racismo contra a população negra, primeiro por serem pessoas que se beneficiam deste racismo. Portanto, tem as suas conveniências e negar a sua existência é uma maneira de disfarçar os propósitos de manter a população negra numa situação subalterna. (JUNIOR, 2010, p. 08)

E ainda completa esta reflexão com outro trecho da sua fala:

As ideias permitem a prática da produção de uma hierarquia social, na qual nada produzido pela população negra parece ter importância, tudo que é produzido pela população branca é bom e necessário. Na história do Brasil o acerto tecnológico transmitido pelas populações negras ao país não aparece. (JUNIOR, 2010, p. 10)

Ana Célia da Silva, Henrique Cunha Junior, Narcimária Correia do Patrocínio Luz, Marco Aurélio Luz, Kabenguele Munanga, Neuza Santos Souza, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento são os que, dentre tantos outros, edificam o saber africano e afro-brasileiro nos espaços acadêmico-científico, na busca de uma afirmação desses saberes a partir da estruturação de uma epistemologia africano-brasileira, afirmando seu espaço de saber importante para as futuras gerações comprometidas com o educar que respeite a ética da coexistência. Tudo isso na busca de um dia evitar que equí-

vocos como o que foi retratado nesses cordéis não se repitam.

Se tratando do cordel “A peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, podemos dizer que algumas considerações para o pensamento da época que foi escrito, na qual o povo descendente de África ainda era escravizado e a ideia totalizadora do Estado era de que o negro não tinha direito à “sala dos brancos” é, no mínimo, legitimar o pensamento colonizador e perpetuá-lo no campo educacional, já que muitos educadores levam o cordel para a sala de aula sem este filtro, sem suscitar esta discussão, deixando de enaltecer essa luta e resistência.

A questão da corrupção também foi abordada no livreto “A Estória de Grampolândia e seu Rei” (BAHIALISTA, 2001), que fala sobre a violação do painel do senado e sobre a acusação do senador Antônio Carlos Magalhães, a respeito dos telefones de deputados grampeados. Planejamos abordar nas oficinas a questão da corrupção e da importância da participação da sociedade no acompanhamento da apuração do caso, com esse livreto. A discussão não foi longa porque ele foi utilizado apenas para mostrar que o cordel também é um registro jornalístico e que se torna um arquivo “morto”, que pode ser consultado a qualquer instante que a história solicitar.

Um dos jovens levantou a mão e relatou a sua lembrança:

Eu lembro disso ai! Meu pai chamava ele de Cabeça Branca e de descarado. Dizia que isso era uma pouca vergonha, essa coisa de ficar ouvindo a conversa dos outros. (T.P.S. jovem da Escola Municipal Eraldo Tinoco e da comunidade)

Aqui revela o seu entendimento a partir da opinião de alguém mais velho a respeito desse fato abordado no cordel. E essa relação com esses temas mostra o quanto realizam conexões com meios de informação. Nós discutimos sobre o que esse cordel trazia de informação e como tinham entendido a sua mensagem. Todos entenderam o que foi o grampo e discutiram a real função de um político, relatando

que o seu verdadeiro papel era representar o povo e cuidar dos nossos direitos.

A Greve da Polícia também foi abordada no cordel a partir do livreto “A Greve da Polícia e o arrastão dos bandidos”, do cordelista Jotacê Freitas. Nesse livreto, o poeta fez uma análise jornalística desse acontecimento que atordoou Salvador/BA, no ano 2001, e aproveitamos para discutir os novos acontecimentos em relação a essa greve, que se repetiu em 2012. Aqui pensamos em trabalhar a organização das classes trabalhadoras e a consequência dessa organização específica da polícia para a sociedade, como a insegurança, a manobra política e a ordem social.

A greve é um instrumento
De luta do trabalhador
Para pressionar o patrão
E provar o seu valor
Reivindicando direitos
Que a lei determinou .

Invadiram “chopi Center”
Numa seqüência de assaltos
O povo todo correndo
Gritando desesperado
E os logistas com medo
Fecharam as portas apressados. (FREITAS, 2001, p. 01 e06).

Após recitarmos esse cordel, a discussão em torno da insegurança que ronda a Sussuarana foi unânime. Incrível como o cordel tem esse poder de ser um acionador cognitivo e de problematização de questões que nos acometem diretamente. Muitos jovens e adultos disseram o quanto sofreram com essa greve dos policiais e o quanto sofrem com a violência que deixa, como diz o cordel “Um buraco na pança da Sussuarana”.

Logo após, o cordel supracitado foi recitado. Os jovens e adultos completavam alguns versos pelo simples fato de o cordel falar de Sussuarana e, como esse cordel trazia nomes de ruas, eventos, grupos culturais e artísticos, a participação era muito ativa.

A partir daí as oficinas artísticas de produção da Literatura de Cordel seguiram junto com as etapas de integração, sensibilização, produção e avaliação.

OFICINAS PARA CONSTRUÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL:

Iniciamos essa etapa com dinâmicas de integração, em que o grupo pôde se conhecer e aproximar-se da proposta de trabalho com a Literatura de Cordel. As dinâmicas são com cirandas e jogos literários, nos quais os jovens são expostos a situações em que o aproximar-se da riqueza poética do cordel só é conquistado na atuação em grupo. Com isso, o grupo demonstrou-se mais unido e mais participativo durante o processo, envolvendo-se mais na proposta. As dinâmicas utilizadas foram representar o seu nome com um movimento, apresentar-se fazendo uma rima com o seu nome e formar grupos a partir das semelhanças e características criando uma forma de apresentar esse grupo, com uma expressão artística, além de usar a rima, que já é uma sensibilização para o trabalho futuro.

Nessa etapa foi encantador ver o cordel trilhando o caminho em direção às relações pessoais e poéticas. Os jovens e adultos se envolveram de forma íntegra, mergulhando na sonoridade da rima e preparando o *pilão* para *pilar os versos* que seguiriam seus rumos dentro da escola e por toda a comunidade.

Nessas escolas municipais em que as oficinas foram realizadas, cada sala de aula é muito integrada, pois as atividades fazem parte do projeto que os grupos comunitários desenvolveram em sintonia com o currículo, a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Assim, passamos para a etapa de sensibilização propriamente dita, onde os jovens e adultos expõem seu conhecimento, analisando a existência da Literatura de Cordel na história, a partir de dinâmicas nas quais recitamos alguns títulos de cordéis para que o grupo escolha um para ser lido na classe. Nisso, todos os envolvidos já estão se familiarizando (muitos se re-familiarizando) com a linguagem e com a forma peculiar do cordel.

Em uma das oficinas – Palcos de Vivências - o cordel escolhido para ser lido foi “A mulher que

botou o Diabo na Garrafa”, já citado.

Logo depois eles pediram para ler o cordel “O Buraco na pança da Sussuarana: uma denúncia”, alegando que queriam muito saber mais sobre sua comunidade e sobre a história da *onça suçuarana* e de seu Zé da Onça⁶. Abrimos um amplo debate sobre o tema do cordel, sua linguagem e seus acontecimentos, relacionando-o com a história e com a realidade da Sussuarana. Nesse momento, analisamos tanto a estrutura das questões problematizadas quanto a forma de rimar e de contar a sílaba para construir as primeiras estrofes a partir dessas discussões.

A reflexão sobre esses temas abordados nos livretos de cordel que recitamos, através da sua linguagem poética, estimulou a capacidade criativa do educando na construção das sextilhas, que são estrofes de seis versos setessílabos, onde rima o 2º verso com 4º, e o 4º verso com o 6º verso. Nesse momento, os educandos que estão no nível de escrita silábico-alfabético dão um salto na reflexão fonológica, apenas brincando com a rima, métrica e oração do cordel. As primeiras produções são feitas coletivamente e logo depois partimos para a produção individual sobre a comunidade, sobre afrodescendência e sobre a Bahia: Um Estado plural.

Após esse processo de integração e discussão dos temas abordados no cordel, os versos construídos na etapa de produção saíram com reflexões dos jovens e adultos a respeito da sua comunidade, relacionando diversas questões atuais com a história do Brasil, como revela a estrofe seguinte construída coletivamente na oficina. Podemos perceber o quanto o conteúdo foi trabalhado nas suas produções “cordelísticas”, onde a história do Brasil e a existência do racismo foram mais uma vez registradas. Muitos dos jovens relacionavam a vinda dos negros

6 Os jovens e Adultos desta escola já conhecem a história da onça e de seu Zé da Onça porque Márcio Nery já trabalha com eles as questões em relação ao princípio inaugural da comunidade, mas estas considerações/informações não eram conhecidas a partir da linguagem poética do cordel.

para cá com sua vida na comunidade, como jogar capoeira. Isso se evidencia em algumas das estrofes que seguem abaixo:⁷

Eu nasci no interior
De Conceição de Feira
Me criei em Salvador
Nunca pensei em besteira
De dia vou trabalhar
De noite jogar capoeira.

A onça Suçuarana
Foi morta por Seu José
A onça era parda
Ela só dava no pé
A onça fazia medo
E seja o que Deus quiser

Dos confins da África
Berço da civilização
Arrancaram homens, crianças
Que atravessaram o marzão
Os negros aqui chegaram
Pra construir esta nação

Tem lá no samba-de-roda
Essa dança, capoeira
Tem o grande mestre Bimba
Gosta de passar rasteira
E quem sempre fala demais
Fala é muita besteira

Nessas produções os jovens e adultos trabalharam com muito êxito a divisão silábica, a métrica e a sextilha, além de usarem da criatividade poética para registrarem o que discutimos nas oficinas. Muitas das estrofes criadas por eles costuraram nossas reflexões e relatos durante toda a nossa escrita.

Aqui se revela a construção de uma consciência do respeito às diferenças e à diversidade cultural que formaram o povo brasileiro, assim como o direito de ser respeitado pelo que é, a consciência de que os povos africanos não eram escravos em África, mas sim foram escravizados na Diáspora Africana. Revelam também uma reverência à África, como eles bem dizem em uma das estrofes produzidas, “berço da civilização”.

7 Estrofe do livreto Cordel de Novo Horizonte feito coletivamente por jovens da comunidade de Sussuarana na Escola Municipal Maria José Fonseca.

E muitas outras estrofes foram surgindo até o final do processo:

Estou na escola hoje
Fazendo uma produção
Junto com os meus colegas
Falando do mensalão
O povo perdendo dinheiro
E os políticos ganhando dinheirão

Zé Dirceu é um vacilão
Se enrolou no mensalão
Desviou do cidadão
E colocou um milhão
No cuecão

Zé da Onça inventou
De caçar uma onça parda
Logo, logo a matou
Isso não teve muita graça
Mas logo se originou
Do roçado uma praça⁸

O cordel também se mostra um importante elemento formativo e provocador de construção de significados e sentidos das diversas questões abordadas em seus enredos.

Todos os dias eram avaliados com uma palavra e no final das oficinas artístico-pedagógicas fazíamos uma etapa de registro escrito do que foi que ficou mais forte desse processo. A produção “cordelística” também serviu como instrumento avaliativo, onde analisamos o alcance do processo educativo e as (re)elaborações de valores comunitários feitas pelos envolvidos na pesquisa.

O cordel despertou um interesse incrível nos jovens e adultos, com alguns inclusive lembrando a sua infância, onde os pais liam cordéis e contavam histórias “cabeludas”, assim como despertou uma grande discussão e reflexão a respeito do lugar do negro na sociedade, as formas de resistência do povo negro frente ao racismo.

A identificação dos participantes com a Literatura de Cordel e o significado que ela ganha na forma de viver da sua comunidade e nas suas lembranças faz surgir um novo diálogo entre eles e a dinâmica sertaneja. E isso modifica sua

forma de ser e estar no mundo, a partir do seu entorno, que é sua comunidade e sua unidade de sentido.

CONFEÇÃO DOS LIVRETOS DE CORDEL PRODUZIDOS NAS OFICINAS

Os jovens aprenderam a confeccionar seus livretos de 8, 16, 32, ou 64 páginas, mas o que foi feito durante esse período foram os de 08 e 16 páginas. A forma de confeccionar foi trabalhada na oficina, mostrando como é simples, usando o computador e xerox, construindo primeiramente uma matriz que servirá para tirar as cópias dos livretos, fazer o seu livrinho de cordel. Nesse processo os jovens e adultos trabalham a sua criatividade, escolhendo os desenhos que vão ilustrar o livreto por dentro e sua capa.

Figura 03 – Capa do cordel final dos alunos da Escola Municipal Maria José Fonseca.



Fonte: Sérgio Bahialista

⁸ Estrofes criadas coletivamente

Logo depois as capas são montadas e feitas. A apropriação dos jovens, desde a criação literária até a confecção final dos livretos, aconteceu de forma muito orgânica, como também a da escola. Muitos desses jovens escreveram, depois desse momento, livretos fora das oficinas. Alguns contaram até causos que aconteciam na própria comunidade.

Depois os livretos foram xerocados e montados, distribuídos na comunidade, a qual é sujeito que faz e recebe a informação. E com isso a comunidade viu-se representada nas produções cordelísticas, comentando inclusive a importância dessa literatura após o recital de apresentação do livreto e distribuição do mesmo.

A criação literária dos envolvidos nestas atividades causou um impacto muito significativo, desde uma (re)aceitação e uma (re)identificação com esse tipo de literatura, até o interesse por conhecer um pouco mais a Literatura de Cordel.

Nesse dia, alguns outros jovens deram seu depoimento, já que se sentiam à vontade, depois de um rico processo de criação cordelística. Muitos relataram que se sentem mais participantes da comunidade, se reconhecem nela, o que eleva sua autoestima. Revelando o quanto essa experiência significou para eles, ao expressar que:

Pra mim foi muito bom essa coisa de fazer cordel porque eu não conhecia, e percebi o quanto ele faz parte de mim. Aqui me descobri um bom cordelista. Vou levar a frente, escrever mais cordéis e aprender mais sobre cordel. Gostei mesmo!! (I.S.S. Jovem da comunidade)

Percebi o quanto a construção da Literatura de Cordel contribuiu para um novo olhar sobre a sua comunidade, quando relatam na produção artística da mesma a valorização da cultura do seu lugar.

Pendurar o cordel nos corações dos educandos e educandas tornou-se fundamental para explorar todo o potencial educativo e reflexivo que os sujeitos da EJA tem. Este ato de currículo foi e é fundamental para a consolidação de uma

educação antirracista e que estabeleça a Ética da Coexistência entre esses sujeitos.

Levantei até aqui reflexões acerca desta forma arte-educativa de construir conhecimentos e de ir além, a partir do trabalho das escolas municipais envolvidas nessas atividades, promovendo momentos de construção de consciência e afirmação do seu *continuun* civilizatório plural, que contempla principalmente as matrizes africanas e dos povos inaugurais do Brasil.

CONCLUSÕES

As interações didáticas através de oficinas de cordel com os sujeitos da EJA das escolas municipais Maria José Fonseca e a Eraldo Tinoco, ambas da territorialidade da Sussuarana, em Salvador/BA, destacaram a importância da Literatura de Cordel como um instrumento de (re)elaborações de valores comunitários, reforçando o seu papel no contexto da educação de jovens e adultos. Essa linguagem mostrou durante essas interações didáticas e também na minha relação com todos da comunidade durante muitos anos, o quanto o cordel se torna um meio de informação e provocação de uma construção do conhecimento e reflexões a respeito da condição humana e do respeito à alteridade.

Nessa direção, analisei a Literatura de Cordel na dinâmica educativa, contextualizando essa literatura na realidade do Brasil e na comunidade de Sussuarana, fazendo um recorte a respeito das questões étnico-raciais, políticas e de intolerâncias, abordando a dimensão da concepção de cidadania a partir da história do povo brasileiro até os dias atuais, retratando nas diversas histórias “cordelizadas” que se constroem nesse jornal do povo, que é o cordel, um novo espaço para discussão sobre nossa existência comunitária e de respeito à ética da coexistência.

Os resultados das oficinas desenvolvidas, tanto os relatos poéticos quanto os em prosa dos sujeitos da EJA que participaram, sinalizam

e problematizam os estereótipos que o cordel também apresenta em relação à alteridade étnico/racial. Entendemos que todo e qualquer educador pode – e deve – se posicionar a partir de uma intervenção sobre a forma de colonizar pelo recalque das diferenças, que impede a construção da coexistência.

O cordel é mais uma tentativa de veicular conteúdos imprescindíveis para a formação da cidadania e se apresenta como um mediador entre a comunidade e a escola, sendo algo inovador, quando não deveria ser, pois essa manifestação é característica do povo nordestino e deveria fazer parte do cotidiano da vida escolar e da comunidade. Falta ao sistema de ensino a sensibilidade para divulgá-lo e encará-lo como um recurso pedagógico e aliado permanente no desenvolvimento do currículo escolar, do atendimento às leis 10.639/03 e a 11.645/06, além do diálogo com a comunidade. Essa que traz riquezas nos seus conhecimentos que, por essência, educam por si só.

Esse processo de formação a partir dessa literatura, desencadeado nessas escolas que realizei esse trabalho artístico-pedagógico trouxe à tona todo o universo mitopoético da onça suçuarana, importante marco civilizatório desta territorialidade, que circula nas suas diversas formas de existências e dinamização das formas de se organizar, além de trazer cordéis com cunho racista para serem discutidos na perspectiva na dimensão do respeito à diversidade. E o cordel assumiu satisfatoriamente o seu papel de instrumento de *encantamento* e de provocador de reflexões no educar, junto dos sujeitos da EJA.

Destaco que os impactos desta formação nas produções cordelísticas e nas discussões, nos diálogos sobre determinados temas a partir da Literatura de Cordel, onde se fez o exercício de (re)pensar nosso ser/estar na vida, foi satisfatório diante do que foi traçado para alcançar nessas oficinas arte-educativas. Todavia, percebo que essas formações através do cordel, por serem realizadas na escola, poderiam ser mais orgânicas nesse corpo escolar, o qual, por mais

que tenha se mostrado aberto ao diálogo com essa expressão, não absorveu essa linguagem como uma metodologia educativa.

Constatou-se o quanto a linguagem utilizada na Literatura de Cordel também reflete os pré-conceitos relacionados à questão da negritude, reforçando estereótipos racistas. Ressalto o quanto as insurgências de pedagogias de cada comunidade em que os sujeitos da EJA estão inseridos, alicerçadas nos seus princípios inaugurais são fundamentais para inaugurar outras formas de educar e de se ver na sua história, cantar sua aldeia e disseminar aprendizados mútuos que são construídos a partir de saberes e fazeres do seu povo local, dialogando sempre com o global.

Nesta atuação com o cordel e nas reflexões traçadas até aqui, o contexto e referência da própria comunidade falaram mais alto. É por isso que acreditamos que, na história nordestina, quando falamos em figuras como o Lam-pião, Padre Cícero Romão Batista, Zumbi dos Palmares, os guerreiros da Revolta dos Búzios, seu Zé da Onça e muitos outros nomes que representam a força de luta e resistência do povo contra as injustiças, falamos consequentemente de figuras lendárias as quais há um número incrível de folhetos de cordel, reportagens, e até mesmo músicas populares que retratam as vidas e feitos desses grandes personagens que se tornaram imortais, mas continuam vivos na memória do povo. Assim, são exemplos para uma discussão sobre a cidadania e nossa atuação na construção da mesma.

Chega o momento de arriscar. Devemos apostar todas as fichas no resgate da ética da coexistência, no sentimento de pertencimento, de vínculos sociais. Assumir todo risco, criar possibilidades de construção de novos significados. É como se diz no dito popular: “é tudo ou nada!” E, quando lembramos de construção, lembramos da poesia, dessa diva inspiradora do poeta, essa sua capacidade que através do entrelaçar estético de palavras, sons, alitera-ções, consegue entrelaçar saberes por uma ética do futuro.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Mauro Lemuel [et al]. **Metodologia da Pesquisa em linguagem de Cordel: aprendendo de forma lúdica**. 1ª Ed. Natal: EDUFRN, 2010.
- ALMEIDA, Márcio Nery de. **Viver a comunalidade na escola: Para além das habilidades e competências do Currículo Escolar**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia UNEB; Salvador, 2007.
- ARAUJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ARAUJO, Miguel Almir Lima de. **A ação de educar como rito de iniciação à ética da coexistência**. In Revista FACED, n. 11, p. 83-99. Editora UFBA, Salvador, 2007.
- BIÃO, Armindo. **Performáticos, Performance e Sociedade**, Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1996.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Seppir. Brasília: DF, 2004;
- BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005;
- FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico - O cordel como facilitador do processo de Letramento: teoria, técnicas e práticas da Literatura de Cordel em Sala de Aula**. Rio de Janeiro, AGBOOK: 2011.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.p.15.
- JUNIOR, Manuel Diegues [et al]. **Literatura Popular em Versos: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- JUNIOR, Henrique Cunha. **Tecnologia Africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.
- LUZ, Marco Aurélio; SANTOS, Deoscoredes M dos. **O rei nasce aqui – Oba Biyi, a educação pluricultural africano-brasileira**. Salvador: Fala Nagô, 2007.
- LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra em tempos -pós-modernos**. Salvador: EDUFBA, 2008
- LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Abebe: a criação de novos valores na Educação**. Salvador: Edições Secneb, 2000 (Coleção Comunitatis Mundi).
- LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Awasoju: dinâmica da expansão existencial das diversas contemporaneidades**. Revista da FAEEBA, Salvador, UNEB, nº12, p.45-74, 1999.
- LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **O reencontamento do mundo: perspectivas de análise para a compreensão do nosso tempo**. Salvador, UNEB, 2008.
- LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Editorial**. In **SEMENTES**, Caderno de Pesquisa, volume.VI, p. 11. Editora UNEB, Salvador, 2005.
- LUZ, Zé da. **Brasil Caboclo**. Seção de Livros da Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A. Rio de Janeiro, 1949.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes. 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum: introdução à Sociologia Compreensiva**. Porto Alegre: Sulina. 2007.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Ritmo e Poesia no Nordeste Brasileiro: Confluências da Emboada e do Rap**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS; Feira de Santana, 2002.
- QUINTELA, Vilma Mota. **O Cordel no Fogo Cruza-**

do da Cultura. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia; Salvador, 2006.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca. **Memória das Vozes: Cantoria, romanceiro & cordel.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Olga de Jesus. **“O povo conta sua história”.** In: O cordel: Testemunha da história do Brasil. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

SILVA, Ana Célia da. **A Discriminação do negro no livro didático.** Salvador, EDUFBA/CEAO, 1995.

SILVA, Ana Célia da. **Entrevista sobre a lei 10.639/03, Pluralidade Cultural e Livro Didático.** Salvador, Bahia: 2005.

SILVA, Ana Célia da. **Entrevista Elos entre educação e contemporaneidade na Bahia.** In *Tecendo contemporaneidades: pontos de diálogos sobre educação e contemporaneidade.* Org: Narcimária Correia do Patrocínio Luz. Salvador/BA: EDUNEB, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1999 (Coleção Identidade Brasileira).

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e rede.** Rio de Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **SER-TÃO BAIANO: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana.** Salvador, Edufba, 2011.

VIANA, Arievaldo Lima. **Acorda Cordel na sala de aula.** Fortaleza: Tupinanquim Editora/ Queima Bucha. 2006.

CORDELÁRIO

AMARAL, Firmino Teixeira de. **A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho.** Fortaleza: Ed. Tupy-nanquim, 2002.

ASSARÉ, Patativa do. In: **Cante lá que eu canto cá.** Petrópolis: Vozes, 2ª ed., 1978

ASSARÉ, Patativa. **Nordestino sim, nordestinado não.** In: Ispinho e Fulô, 3ª Ed. Fortaleza-CE, 2002.

BAHIALISTA, Sérgio. **O Buraco na pança da Susuarana.** Salvador: mimeo, 2006

BAHIALISTA, Sérgio. **Um cantinho da África encantada em Salvador/BA - 100 anos de Ilê Axé Opô Afonjá.** Salvador: mimeo, 2010.

_____. **A Estória de Grampolândia e seu Rei.** Salvador/BA: mimeo, 2001.

BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. **O valor da arte na educação.** Salvador: Ed. Akadicadikum, 2007.

BORGES, J. **A mulher que botou o diabo na garrafa.** Pernambuco: mimeo, 2005.

FREITAS, Jotacê. **O pastor que virou acarajé.** Salvador: Ed. Tapera, 2007.

FREITAS, Jotacê. **A Greve da Polícia e o Arrastão dos Bandidos.** Salvador: Mimeo, 2001.

JUNIOR, Osmar Machado. **As histórias de Oxalá – o maior orixá da Bahia.** Salvador: mimeo, 2004.

VIEIRA, Antonio. **A peleja da Ciência com a Sabedoria Popular.** Salvador: mimeo, 2005.

Recebido em: 30/09/2023

Aprovado em: 15/10/2023